

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ EM CONVÊNIO COM A SECRETARIA
MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO/SEAD DE PONTAL DO PARANÁ
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM INCLUSÃO / EDUCAÇÃO ESPECIAL**

CAROLINE DA ROCHA

**A RELAÇÃO ENTRE A FAMÍLIA E A ESCOLA NO DESENVOLVIMENTO E
INCLUSÃO ESCOLAR DA CRIANÇA COM TDAH**

**CURITIBA
OUTUBRO/2004**

CAROLINE DA ROCHA

**A RELAÇÃO ENTRE A FAMÍLIA E A ESCOLA NO DESENVOLVIMENTO E
INCLUSÃO ESCOLAR DA CRIANÇA COM TDAH**

Monografia apresentada como requisito parcial à conclusão do Curso de Especialização em Inclusão / Educação Especial da Universidade Federal do Paraná em convênio com a Secretaria Municipal da Educação/SEAD de Pontal do Paraná

Orientadora: Dra. Miriam Aparecida
Graciano de Souza Pan

**CURITIBA
OUTUBRO/2004**

TERMO DE APROVAÇÃO

Data da aprovação:

SUMÁRIO

RESUMO.....	iv
1 INTRODUÇÃO.....	1
2 O QUE É TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE?...	4
3 O PAPEL DA FAMÍLIA.....	7
3.1 ATITUDE DOS PAIS COM OS FILHOS HIPERATIVOS.....	8
3.1.1 Preconceito dentro da própria família.....	12
3.2 INCLUSÃO NO COTIDIANO DAS FAMÍLIAS.....	15
4 A ATITUDE DO PROFESSOR COM O ALUNO COM TDAH.....	19
4.1 PRECONCEITO DENTRO DA ESCOLA.....	20
5 RELAÇÃO ENTRE A FAMÍLIA E O PROFESSOR.....	23
5.1 RELAÇÃO ENTRE PROBLEMAS SÓCIO-AFETIVOS E SÓCIO- EDUCACIONAIS.....	26
6 TDAH NA VISÃO DAS FAMÍLIAS – ENTREVISTAS.....	29
6.1 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	30
7 CONCLUSÃO.....	35
REFERÊNCIAS.....	38

RESUMO

Trata-se de um estudo realizado sobre alunos com TDAH. Explicando com conceitos gerais o que é o TDAH, com o estudo mais profundo sobre o papel da família, qual o tratamento que esta família tem com a criança diagnosticada como hiperativa, como é e como deveria ser a atitude dos pais com os filhos com TDAH e ainda a aplicação da inclusão dentro da família. Estas crianças também podem sofrer com o preconceito de seus familiares por ser diferente e possuir necessidades especiais e a atitude dos professores no processo de inclusão destes alunos na escola comum pública. A existência do preconceito dentro da escola comum, bem como dentro da própria família. Ressaltando ainda a importância do relacionamento e troca de experiências entre os professores e a família do aluno com TDAH, para que juntos possam unir esforços com o objetivo de suprir as necessidades educacionais especiais do aluno e ainda beneficiar sua relação familiar com a compreensão do que é TDAH. O tratamento, os sintomas e as melhores opções quanto ao aprendizado de forma organizada. Como manter sua concentração ou atenção e controlar a agitação. Foi realizada uma entrevista com quatro famílias de alunos com TDAH sobre sua visão quanto a hiperatividade, a existência do preconceito na escola e na família, se a escola está preparada para receber alunos com TDAH ou possui algum projeto específico sobre o transtorno.

1 INTRODUÇÃO

No presente trabalho será estudado o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade – TDAH, que inicialmente conceitua o que é hiperatividade, mostrando em seguida exemplos e características do fenômeno, bem como lidar com este transtorno dentro da família e da escola.

Outra questão analisada é o papel da família da criança diagnosticada com TDAH, ser repressiva, rígida ou condescendente com esta criança, como lidar com a hiperatividade para que a criança tenha um bom desenvolvimento familiar e conseqüentemente escolar, identificando também a relação entre a família e a escola como benefício para o aluno diagnosticado com hiperatividade.

A escola inclusiva é aquela que acomoda todos os alunos independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, lingüísticas ou outras, sendo o principal desafio desenvolver uma pedagogia centrada no aluno, uma pedagogia capaz de educar e incluir além dos alunos que apresentem necessidades educacionais especiais, aqueles que apresentam dificuldades temporárias ou permanentes na escola, as que estejam repetindo anos escolares, as que sejam forçadas a trabalhar, as que vivem nas ruas, as que vivem em extrema pobreza, as que estão fora da escola, pois a inclusão não aplica-se apenas aos alunos que apresentam alguma deficiência ou dificuldade no aprendizado.

As escolas inclusivas propõem um modo de se constituir o sistema educacional que considera as necessidades de todos os alunos e que é estruturado em função dessas necessidades. A inclusão causa uma mudança na perspectiva educacional, pois não se limita a ajudar somente os alunos que apresentam dificuldades na escola, mas apóia a todos: professores, alunos, pessoal administrativo, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral.(MANTOAN, 1997, p.121)

O momento de transição global em que nos encontramos evidencia que o processo familiar ainda não encontrou o seu ponto de equilíbrio frente às novas imposições da vida contemporânea. Há ainda muita confusão quanto aos papéis de cada um na família; à divisão de trabalho; à competição pelo poder; ao exercício da autoridade; à diminuição do tempo de convívio entre pais e filhos, etc.

Espera-se que a organização e reflexão sobre o trabalho realizado favoreça uma educação mais inclusiva na escola e um relacionamento mais saudável e amigável dentro da família com portadores de TDAH.

Este trabalho busca a consciência sobre a importância de se reunir forças, trabalhar em conjunto, engajar-se coletivamente, em busca de informações, construção de conhecimentos e busca de caminhos inclusivos no cotidiano da escola.

Vivemos em uma sociedade que cultua o preconceito, os estereótipos, as crianças hiperativas, por serem diferente das demais, sofrem com estes preconceitos, as famílias muitas vezes sequer tocam no assunto em casa e na escola, fugindo da solução desta situação, se os professores e os pais dos alunos com TDAH se unirem num objetivo comum: vencer a barreira do preconceito e possibilitar a inclusão desta criança, no futuro este cidadão será mais participativo, desinibido, enfim não terá receios de mostrar seus conhecimentos e contribuir para o desenvolvimento de seu trabalho, na sociedade e em sua família.

Portanto, o professor, ao prestar auxílio aos pais com informações que acolham suas dúvidas e medos, permitindo uma aproximação saudável e equilibrada com a escola, podem, juntos buscar uma nova educação inclusiva e que respeite a individualidade de cada pessoa, evitando desgastes e conflitos desnecessários entre professores, estes e os alunos, e entre professores e alunos.

Será também pesquisada a importância do respeito pelas diferenças no ambiente de inclusão para que não gere a exclusão.

Outro objetivo deste trabalho é o estudo da melhor forma dos pais participarem da vida escolar do filho com TDAH evitando o sofrimento desta criança e participando seus sentimentos, dificuldades e sucessos com a família.

Todos os envolvidos no processo educacional, aluno, família, escola e funcionários são co-responsáveis pelo ensino digno e tem influência direta uns sobre os outros, portanto a união entre eles é tão importante.

Entretanto pela impossibilidade de abranger neste estudo todos os aspectos referente a TDAH num único trabalho optou-se pela ênfase aos aspectos familiares, e a relação com os professores e a escola.

Serão abordadas as dimensões dos limites, da autoridade e da disciplina no cotidiano da família e da escola, qual a competência recíproca e exclusiva.

Serão realizadas entrevistas com pais de alunos diagnosticados com TDAH visando a problematização das relações que envolvem a instituição escolar e os educando e suas famílias, bem como interrograr-se sobre como tem se dado esta relação para o benefício ou malefício da criança.

2 O QUE É TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE?

O portador de necessidades educacionais não é uma vítima e não pode ser visto como fora da normalidade, como não fazendo parte do grupo.

“Uma sociedade que precisa de bodes expiatórios produz uma gama grande de marginais, doentes, incompetentes, seres que representam o ‘outro’ fora da normalidade, que de tempos em tempos são tirados da sombra para serem vitimizados.”¹

A falta de atenção para os problemas enfrentados pelos alunos com TDAH e conseqüentemente Necessidades Educacionais Especiais - NEE pode causar a evasão escolar e resultar no isolamento social desta criança que se sente estranha e discriminada do grupo.

O conceito de dificuldades de aprendizagem também é relativo. Depende dos objetivos educacionais visados, do currículo estabelecido, dos níveis exigidos e dos sistemas de avaliação empregados. Quanto maior a rigidez do sistema educacional, a homogeneidade existente, quanto mais ênfase for dada aos objetivos cognitivo-rationais frente aos emocionais, aplicados, manipulativos, artísticos, etc., quanto maiores as possibilidades de que existam alunos que se sintam desvinculados dos processos de aprendizagem a manifestem, por isso, maiores dificuldades.²

Inserir-se o aluno com diagnóstico de TDAH como um aluno com necessidade educacional especial.

Sendo assim, considera-se que um aluno apresenta necessidade educacional especial quanto tem dificuldades maiores que o resto dos alunos para atingir as aprendizagens determinadas no currículo correspondente a sua idade (seja por dificuldades internas, carência social ou pelo seu histórico de aprendizagem, ou por outras questões) e necessita, para compensar estas dificuldades, de adaptações curriculares em uma ou várias áreas desse currículo, na utilização de recursos específicos, mudanças na estratégia de ensino e alterações arquitetônicas, garantindo, desta maneira, o seu acesso a escola.³

¹ ALMEIDA, Milton José de. Apresentação. Caderno CEDES, nº 28, O sucesso escolar: um desafio pedagógico. 1 ed. Campinas/SP: Papyrus, 1992, p. 6.

² MARCHESI, Álvaro e MARTÍN, Elena. Da Terminologia do Distúrbio às Necessidades Educacionais Especiais. in CESAR COLL, JESUS PALÁCIOS (org). Desenvolvimento Psicológico e Educação. Necessidades Educativas Especiais. trad. de Marcos A. G. Domingues, v. 3, Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, p. 12.

³ OLIVEIRA, Anna Augusta S. de. & LEITE, Lúcia P. Escola inclusiva e as necessidades educacionais especiais. in Educação Especial: temas atuais. Marília: Unesp-Marília-Publicações, 2000, p. 14.

Conceitua-se abaixo a hiperatividade bem como seu estudo e suas denominações.

O termo hiperatividade refere-se a um dos distúrbios do comportamento mais frequentes na idade pré-escolar e escolar, caracterizado por um nível de atividade motora excessivo e crônico, déficit de atenção e falta de autocontrole.

Inicialmente, foi definido como um distúrbio neurológico, vinculado a uma lesão cerebral (lesão cerebral mínima). As dificuldades para objetivar a existência dessa lesão provocaram uma mudança importante na conceituação do distúrbio. Assim, nos anos 60, surgiu a necessidade de defini-lo a partir de uma perspectiva mais funcional, dando ênfase à caracterização da hiperatividade como síndrome condutual, e considerando a atividade motora excessiva como o sintoma primordial. Na década de 80, e como resultado de diversas investigações, são ressaltados os aspectos cognitivos da definição da síndrome, principalmente o déficit de atenção e a falta de autocontrole ou impulsividade; considerando-se, além disso, que a atividade motora excessiva é o resultado do alcance reduzido da atenção da criança e da mudança contínua de objetivos e metas a que é submetida. Estas mudanças na caracterização do distúrbio produziu certa confusão em relação a sua definição e denominação (por ex., hiperatividade, lesão cerebral mínima, distúrbio de déficit de atenção com hiperatividade, etc). Como consequência direta, os dados sobre sua incidência na população infantil são discrepantes, oscilando de acordo com os estudos entre 1 e 13% (...).⁴

Embora possam existir denominações diversas para a hiperatividade ou TDAH, todas elas possuem as mesmas características que demonstram tratar-se do mesmo transtorno.

Segundo CÉSAR COLL (1995) entre estas características estão: 1) surgimento do distúrbio nos primeiros anos de vida; 2) inquietação motora e períodos reduzidos de atenção que não se relacionam à idade da criança; 3) generalização dos sintomas a diversas situações e/ou ambientes; 4) discrepância entre o nível de desenvolvimento cognitivo e os problemas manifestos de autocontrole; 5) o distúrbio de conduta não pode ser explicado por desordens neurológicas ou déficits sensoriais.

Os sintomas mais presentes no TDAH são: déficit de atenção, pois a criança não consegue ficar muito tempo prestando atenção ou se concentrando em determinada atividade; atividade motora excessiva, pela necessidade constante em se movimentar, andar, conversar, gesticular, etc; impulsividade ou falta de controle, pois reage sem pensar, age por impulsividade sem medir as consequências de seus

⁴ CESAR COLL, JESUS PALÁCIOS e ALVARO MARCHESI. (orgs) Desenvolvimento Psicológico e Educação. Necessidades Educativas Especiais. tradução Marcos A. G. Domingues, v. 3, Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, p. 160.

atos, sem refletir ou estudar as alternativas, geralmente responde uma pergunta antes mesmo que ela seja concluída, não consegue ficar resolvendo um exercício muito longo, não se submete com facilidade a regras e convenções impostas seja pela sociedade, família ou escola.

No que se refere à aprendizagem escolar, podemos dizer que a hiperatividade interfere de forma negativa no processo educativo da criança. Como já mencionamos, as dificuldades de atenção e a falta de autocontrole, que caracterizam este distúrbio, intensificam-se em situações de grupo, dificultando, ainda mais, a percepção seletiva dos estímulos relevantes, e a estruturação e execução adequada das tarefas. Esta situação de fracasso contínuo reverte em uma desvinculação cada vez maior da criança hiperativa em seu processo de aprendizagem, a não ser que encontre no sistema educacional resposta adequada às suas necessidades especiais.⁵

A necessidade de uma escola adaptada para as necessidades educacionais especiais da hiperatividade justifica-se pelas dificuldades que os alunos diagnosticados como hiperativos estão enfrentando na escola comum.

⁵ CESAR COLL, JESUS PALÁCIOS e ALVARO MARCHESI, *op. cit.* p. 164.

3 O PAPEL DA FAMÍLIA

A família não é composta apenas do pai da mãe e do filho diagnosticado com TDAH, podem existir também irmãos, tios, primos, avós, etc. É papel de toda esta família criar um clima tranquilo e estável para esta criança, auxiliando-a com suas dificuldades, incentivando seu aprendizado, fomentando a vontade de estudar e se relacionar bem com outras pessoas.

A melhor colaboração que a família pode dar ao filho com diagnóstico de hiperatividade é aceitá-lo como ele é e aprender a forma mais adequada de educá-lo, sem ser rígido ou condescendente demais. Se a criança não for aceita pela família possivelmente também não se integrará na sociedade e na escola.

Deve-se tentar controlar as expectativas e sonhos que os pais tem sobre os filhos, não apenas para os hiperativos, mas para todos em geral, pois as crianças podem se sentir obrigadas a ser o que os pais querem, a atingir as suas expectativas, serem modelos de perfeição, esquecendo de ser elas mesmas de identificar o que querem ser, que profissão seguir, qual seu limite, qual é o seu tempo para o aprendizado, entre outras características próprias que serão suprimidas para atender aos anseios dos pais.

A principal ajuda que os portadores de necessidades educacionais especiais podem receber é o envolvimento dos pais, com disposição, paciência, carinho, responsabilidade e muita dedicação.

“A integração não se consegue por leis escolares, nem por espontaneidade social. Ela deve ser pensada ao nível social antes e depois da escola. Antes, através de ações domiciliares eficazes. Depois, por uma política de emprego e de integração social.”⁶

O papel da família é, também percebido como relevante no desenvolvimento e integração da criança, já que experienciando a frustração no relacionamento com seu filho, esta reage normalmente com a negação do problema ou com superproteção. Estas atitudes devem ser levadas em

⁶ FONSECA, Vítor da. Educação Especial – Programa de estimulação precoce. Porto Alegre/RS: Artmed Editora S.A., 2002, p. 197.

consideração pois associam-se, de maneira direta, às evoluções da criança enquanto sujeito e a sua capacidade de desenvolver autonomia.⁷

A família é o suporte, a base da vida e dos relacionamentos do portador de TDAH, sem ela ou sem seu apoio e auxílio sem dúvida a educação será prejudicada, essa falta irá se refletir na escola, quanto o aluno não souber se relacionar com outros alunos, não respeitar o professor, não ter responsabilidade com seus deveres como aluno, o inverso também é verdadeiro, sem o apoio dos professores, seu respeito e as amizades que faz na escola, este aluno também poderá levar estes problemas para dentro de casa, descontando suas frustrações e medos na sua família.

3.1 ATITUDE DOS PAIS COM OS FILHOS HIPERATIVOS

A atitude dos pais frente a filhos hiperativos é bastante variável. Situada entre a extrema rigidez e a extrema tolerância, varia, na mesma pessoa, entre um extremo e outro, em função do estado de humor, acarretando um sentimento de insegurança crescente na criança, o que agrava o comportamento característico da hiperatividade: a agitação.

Tanto pode ocorrer o excesso de indulgência, onde os pais são coniventes com os diferentes sentimentos dos filhos deixando de prestar atenção no que realmente o filho precisa achando que se trata apenas de capricho ou birra, fazendo todas as suas vontades, permitindo que a criança faça o que quiser.

Outra atitude observada é o excesso de autoritarismo, na busca de um comportamento considerado ideal para seu filho e não o aceitando como é, podendo, os filhos, virem a extravasar a revolta por este autoritarismo dentro da sala de aula com o professor.

⁷ TITTON, Adriana [et. Al.]. Da educação especial à integração: um caminho a ser conquistado. In Anais do Evento de Extensão "A escola frente às necessidades educativas especiais". Curitiba: UFPR, trabalho orientado pela Professora Mirian Pan em Psicologia do Excepcional da UFPR, 1997.

O papel da família também é estar disponível ao filho, acompanhar suas atividades e seu desenvolvimento educacional, algumas famílias podem exagerar quando demonstram sua decepção pelo mau resultado escolar obtido pelo seu filho, outras podem ser indiferentes tanto ao mau ou bom resultado. Tanto um quanto o outro é prejudicial para qualquer criança e principalmente para a diagnosticada com TDAH.

A família não deve tratar o filho diagnosticado com TDAH como um portador de doença ou deficiente, deve-se abolir este tratamento familiar para permitir que a criança construa uma nova relação com as pessoas e com o saber.

Existem crianças hiperativas difíceis, tanto porque são agitadas demais, quanto pela inquietação excessiva, diante das quais, pais com pouco preparo para lidar com elas submetem-se a situações estressantes que agravam ainda mais estes comportamentos em seus filhos.

O conhecimento traz tranqüilidade e segurança para os pais, também a interação com os professores, e a comunicação com seu filho, conhecendo-o profundamente e sabendo respeitar seu modo de ser.

Segundo GOLDSTEIN (1998)⁸ existem alguns programas de treinamento para pais de crianças com diagnóstico de TDAH, freqüentemente começam com ampla divulgação das características e informações sobre a TDAH. Existe uma grande quantidade de livros, vídeos e fitas disponíveis com dados a respeito do transtorno em si e de estratégias efetivas que podem ser usadas por familiares. A lista que segue revê nove pontos de uma série de estratégias que podem ajudar os pais de crianças com diagnóstico de TDAH:

1. Aprender o que é TDAH: Os pais devem compreender que, para poder controlar em casa o comportamento resultante do TDAH, é preciso ter um conhecimento correto do distúrbio e suas complicações.

2. Incapacidade de compreensão versus rebeldia: Os pais devem desenvolver a capacidade de distinguir entre problemas que resultam de incapacidade e problemas que resultam de recusa ativa em obedecer a ordens. Os primeiros devem ser tratados através da educação e desenvolvimento de

⁸ Nesta obra o autor sugere a pais e educadores que analisem o comportamento hiperativo e suas causas, a fim de evitar que a criança sofra de ansiedade, depressão, conduta destrutiva etc. e para que possam buscar o tratamento adequado.

habilidades. Os outros são resolvidos de maneira satisfatória através de manipulação das conseqüências.

3. Dar instruções positivas: Os pais devem cuidar para que seus pedidos sejam feitos de maneira positiva ao invés de negativa. Uma indicação positiva mostra para a criança o que deve começar a ser feito e evita que ela focalize em parar o que está fazendo.

4. Recompensar: Os pais devem recompensar amplamente o comportamento adequado. Crianças diagnosticadas com TDAH exigem respostas imediatas, freqüentes, previsíveis e coerentemente aplicadas ao seu comportamento. Da mesma maneira, necessitam de mais tentativas para aprender corretamente. Quando a criança consegue completar uma tarefa ou realiza alguma coisa corretamente, deve ser recompensada socialmente ou com algo tangível mais freqüentemente que o normal.

5. Escolher as batalhas: Os pais deveriam escolher quando e como gastar suas energias numa batalha, sempre reforçando o positivo, aplicando conseqüências imediatas para comportamentos que não podem se ignorados e usando o sistema de créditos ou pontos. É essencial que os pais estejam sempre um passo a frente.

6. Usar técnicas de “custo de resposta”: Os pais devem entender bem o que seja “custo de resposta”, uma técnica de punição em que se pode perder o que se ganhou.

7. Planejar adequadamente: Os pais devem aprender a reagir aos limites de seu filho de maneira positiva e ativa. Aceitar o diagnóstico de TDAH significa aceitar a necessidade de fazer modificações no ambiente da criança. A rotina deve ser consistente e raramente variar. As regras devem ser dadas de maneira clara e concisa. Atividades ou situações em que já ocorreram problemas devem ser evitadas ou cuidadosamente planejadas.

8. Punir adequadamente: Os pais devem compreender que a punição sozinha não irá reduzir os sintomas de TDAH. Punir deve ser uma atitude diretamente relacionada apenas a um comportamento declaradamente desobediente. No entanto, a punição só trará modificação de comportamento para crianças com diagnóstico de hiperatividade se acompanhada de uma estratégia de controle.

9. Construir ilhas de competência: O que realmente importa para o sucesso dessa criança na vida é o que existe de certo com ela e não o que está errado. Cada vez mais, a área da saúde mental focaliza seu trabalho em aumentar os pontos fortes em vez de tentar diminuir os pontos fracos. Uma das melhores maneiras de criar pontos fortes é uma boa relação dos pais com seu filho.

Ter dentro de casa um filho com diagnóstico de hiperatividade é um fator de estresse para a família, pois ele necessita de mais atenção, paciência, cuidados, etc.

Na família brasileira, em sua maioria, pobre, com muitos filhos e sem condições financeiras, este filho agitado, impaciente, que não mantém sua atenção no mesmo foco por muito tempo, pode não ter a atenção dos pais como necessita, também no sistema educacional atual não se tem condições físicas e financeiras para proporcionar a este aluno atividades diversificadas, novos sistemas de ensino ou outros meios que consigam manter sua atenção e conseqüentemente transmitir o conhecimento do professor para o aluno. Portanto muitas são as dificuldades, mas cabe tanto ao professor como a família transpor estas barreiras e auxiliar a criança com diagnóstico de hiperatividade a ter um bom aprendizado e sua inclusão escolar e social.

Os pais não devem ora proibir, ora permitir, ora punir, ora ser indulgente sem critérios bem definidos para que seu filho saiba exatamente o que é certo e errado, o que ele pode ou não fazer, e mesmo na hora da punição deve haver o respeito pela criança, pois ela saberá também respeitar seus pais e professores.

Outro problema no comportamento dos pais frente aos filhos com diagnóstico de hiperatividade é a satisfação de todos os desejos do filho, pois ele é especial e precisa de mais cuidados e atenção, que gera a indisciplina, ainda não permitindo que o filho seja responsável por seus atos e tenha autonomia nas suas decisões.

Principalmente, deve haver diálogo claro e sincero entre pais e filhos, devem falar claramente dos problemas que o filho está enfrentado, das dificuldades que ele tem e que seus pais também tem na convivência diária, buscando sempre a compreensão, o apoio, a segurança e a união da família.

A ajuda dos pais é diária e ocorrerá no cotidiano, nos cuidados pessoais e nas atividades mais simples como, brincar, estudar em casa, lazer, etc. Os pais poderão manter sua rotina, trabalhar fora, cuidar das atividades do lar, mas ter

sempre um tempo reservado para brincar, conversar, acompanhar a lição de casa e estar atento aos sentimentos do filho.

Enfim, os pais terão que fazer o que geralmente já fazem com seus filhos, mas deverão ficar mais atentos ao filho hiperativo, ter mais paciência, saber impor limites, horários, regras, etc.

Outro aspecto importante é o estímulo da relação saudável entre os irmãos, o filho hiperativo requer mais atenção e por isso desperta o ciúmes nos outros filhos, portanto os pais terão que cuidar deste aspecto também, sempre incentivando a cooperação, fazendo os irmãos participarem das atividades com o filho com TDAH, manter o diálogo, ensinar o porquê do irmão agir de determinada forma, ser às vezes impaciente, etc., mas se os pais tratarem os filhos com respeito e igualdade, estes filhos se espelharão nestas atitudes e possivelmente agirão da mesma forma.

Também os pais não podem ser superprotetores com o filho diagnosticado com TDAH, pois este comportamento tornará a criança dependente e incapaz para decidir e ter responsabilidades.

3.1.1 Preconceito dentro da própria família

Primeiramente, deve-se esclarecer que o objeto deste estudo são crianças que estudam em escolas públicas e possuem diagnóstico de hiperatividade, portanto possuem pouca renda *per capita* não tem muito acesso a meios tecnológicos de informação (internet, revistas, etc.), neste capítulo deve-se levar em consideração a situação sócio-cultural e o modelo político e econômico brasileiro atual, onde poucos se preocupam com a oferta de serviços básicos de infra-estrutura e políticas sociais, para as populações de baixa renda que são colocadas à margem da sociedade e ficando moralmente discriminadas.

Quando surge o diagnóstico: seu filho possui um transtorno que chamamos de TDAH, mas comumente denominada hiperatividade. Alguns irão relacionar este diagnóstico com uma doença, enquanto outros verão apenas que seu filho é mais agitado do que o normal.

Não se deve analisar a questão por nenhum destes aspectos, a hiperatividade não é uma doença ou deficiência e também não é apenas uma agitação fora do normal.

Os pais também tendem a se culpar pelo comportamento do filho, como se ele não fosse bem educado em casa, esquecendo-se que as características do TDAH são inerentes ao próprio transtorno, podendo sim ser amenizadas com a boa educação e harmonia familiar.

O medo que os pais tem do desconhecido pode gerar insegurança e ansiedade em si mesmos e no seu filho, com expectativas que ele não conseguirá satisfazer é através do conhecimento que os pais poderão se sentir mais seguros.

Os pais também devem se conscientizar que esta situação deve ser enfrentada de uma forma ou de outra, não adianta adiar a discussão e o tratamento, devem, desde o diagnóstico, procurar todas as informações necessárias, estudá-las, manter-se sempre informados sobre os avanços pedagógicos, enfim fazer o que for possível para contribuir com a formação pessoal e educacional de seu filho, não é com preconceito, ignorando a situação ou deixando que outros tentem resolvê-la que os pais estarão agindo da melhor forma. Saber as possibilidades reais do filho e atendimentos adequados é o que efetivamente irá ajudar os pais.

Os pais por não estarem bem esclarecidos sobre as características do TDAH, quais as formas de tratamento e possíveis dificuldades escolares e familiares a serem enfrentadas, simplesmente ignoram esta situação e deixam para que os problemas escolares sejam resolvidos exclusivamente pelo professor e no ambiente familiar discriminam o filho "diferente" definindo-o como indisciplinado.

Quanto antes os pais resolverem seus conflitos internos, quanto a medo, insegurança, fragilidade, culpa, raiva, depressão, negação, etc., mais cedo poderão proporcionar os cuidados que seu filho necessita, pois se tratado precocemente com as medidas educativas e sociabilizadoras indicadas, seja por um médico, psicólogo ou mesmo o professor, mais chances de sucesso, terá seu filho, de se integrar na escola, na família e na vida.

Quando os pais não aceitam o filho, seus irmãos também não o aceitarão. A falta de informação sobre a situação do irmão que é hiperativo causa dúvidas, insegurança e rejeição.

O ser humano tem a necessidade básica de pertencer a um grupo, de se sentir incluído, e este grupo é a família, que fornece o meio onde o filho crescerá,

fazendo parte desta família e ao mesmo tempo tendo sua individualidade, quando a criança aprende está exercitando sua individualização para construir o saber próprio e o compartilhado com os pais, deste conceito é que se extrai a importância da individualização da pessoa para que adquira certo grau de autonomia e conseqüentemente elaborar sua própria identidade. Por isso a criança não deve ser apenas a depositária de uma série de expectativas.

Toda criança, em idade escolar, sabe que precisa ter sucesso nos estudos. Isso é exigido por seus pais, familiares, colegas, professores, pela sociedade como um todo. O sucesso opõe-se ao fracasso, e este implica num juízo de valor, num julgamento que deve corresponder a um ideal, seguir a profissão dos pais, ser como o irmão mais velho, etc. Todas estas situações marcam profundamente o desenvolvimento futuro da criança, impondo-lhe tarefas que estão em desarmonia com suas capacidades, aptidões ou mesmo desejos.

Para o bom desenvolvimento a criança deve ter o desejo de aprender e isto só ocorre que ela tiver o incentivo dos pais e da escola.

Quando o filho é diagnosticado com TDAH a tendência mais comum é a ruptura dos anseios dos pais que desejavam o filho nos moldes da sociedade atual, que fosse a projeção dos pais, obrigando estes pais a lidarem com as limitações tanto suas quanto do seu filho, situação que faz com que muitos pais se sintam despreparados para lidar com esta nova tarefa: a de suprir as necessidades de seu filho, descobrir suas potencialidades, aprender com ele, estar aberto para novos conhecimentos e formas de se relacionar com este filho, mantendo o equilíbrio da família.

Como pode-se ajudar os pais com filho diagnosticado com TDAH e como lidar com a insegurança e ansiedade dos pais e dos educadores no sistema de inclusão?

Pensar e praticar a inclusão escolar é uma tarefa de todos os envolvidos direta ou indiretamente com a educação e na família e não uma atividade isolada de cada grupo, cabe aos pais colaborar com a escola e vice e versa, aos pais também é dado o direito de acompanhar o desenvolvimento do filho na escola e relatar ao professor o desenvolvimento da criança no ambiente familiar, este trabalho em conjunto poderá proporcionar a atenção e cuidados que a criança diagnosticada com TDAH precisa.

A escola que se preocupa com o potencial individual do aluno, identifica as características e necessidades de cada aluno incentivando o desenvolvimento das áreas em que tem dificuldade e aprimorando suas qualidades é a escola ideal para o aluno com TDAH.

Os pais deverão verificar se a escola está estruturada para seu filho, se existem projetos específicos para a inclusão, se os professores estão preparados para lidar com crianças com NEE.

Seria ótimo se todos tivessem a chance de escolher a escola em que seu filho estudará, mas a maior parte da população não possui recursos financeiros para colocar o filho em uma escola longe de casa que demandaria transporte e outros custos, quando muito consegue matricular seu filho na escola que existe perto de casa, se esta escola existir, portanto cabe a ele participar desta escola, ajudando a desenvolver projetos de melhoria e capacitação de professores, exigir do poder público tais providências e fazer a sua parte.

3.2 INCLUSÃO NO COTIDIANO DAS FAMÍLIAS

Inclusão escolar é processo que ocorre no ambiente escolar e cultural dos sujeitos anteriormente excluídos desses ambientes sociais, é mais que a simples integração física de alunos em sala de aula, pois supõe uma mudança de atitudes e mentalidade frente às diferenças e diversidades de toda ordem: físicas, étnicas, culturais, econômicas, etc.

A inclusão também deve ser aplicada no ambiente familiar, não é apenas na escola que as crianças sofrem com a exclusão, a família também pode, mesmo inconscientemente excluir a criança, isto ocorre quando apenas seus defeitos definem sua personalidade, somente seus fracassos são discutidos, não existe diálogo entre pais e filhos, por não atingir a expectativa dos pais o filho é considerado como o incapaz, essas atitudes são discriminatórias e podem estar presentes na família com filho portador de TDAH, visto seu comportamento ser as

vezes agressivo, agitado e incontrolável, gerando a falta de controle dos pais sobre seu filho.

A inclusão é uma proposta, um ideal, para que a sociedade seja acessível, que dela todas as pessoas com deficiência ou alguma dificuldade como o TDAH possam participar em igualdade de oportunidades, é preciso fazer desse ideal uma realidade a cada dia, seja em sala de aula ou na casa desta criança.

Não é apenas o filho que pode necessitar de acompanhamento psicológico para enfrentar as dificuldades, os pais também devem contar com este auxílio para que estejam preparados para lidar com os problemas e dificuldades se existirem.

Atualmente é prática comum entre as famílias se reunirem na frente da televisão, ficarem assistindo e sequer conversarem sobre suas experiências durante o dia, sobre como foi a aula do filho, se ele gosta de ir a escola, se está com dificuldades, etc, ficando sob a responsabilidade da escola a atribuição e o desafio de educar estas crianças, quanto ao seu convívio social, respeito aos colegas, cooperação, interação e culturais.

A falta de interação com os pais também pode interferir no aprendizado e na complementação da fala e da redação, pois seu vocabulário fica limitado, a frases simples, criando dificuldades na hora em que esta criança tem que expor suas idéias e pensamentos e não consegue fazê-lo por falta de prática.

As crianças que freqüentam a escola geralmente se queixam de que os colegas a ridicularizam ou fazem piadas, colocam apelidos e são muito competitivas, mas como socializar as crianças que não sabem conviver em grupo e respeitar os colegas se possivelmente em casa ela não é tratada bem, ou aprendeu que a agressão e ridicularização do outro é a melhor forma de se proteger?

Os alunos diagnosticados com TDAH quando convivem com alunos que não o respeitam, pode sofrer com comentários sobre sua agitação e desconcentração, prejudicando seu aprendizado e auto-controle.

É importante que não apenas o aluno com TDAH seja incluído, mas os alunos com problemas comportamentais e de relacionamento também tenham uma atenção especial e um estudo mais aprofundado sobre sua relação familiar para que o conjunto da inclusão não seja prejudicado.

Os pais não podem ser condescendentes demais com seus filhos, é necessário que se imponham limites para que não se tornem pequenos “tiranos” cujos desejos são realizados assim que exteriorizados pelo filho, pois este comportamento se repetirá na escola e o professor que tem muitos alunos não conseguirá reverter este comportamento sem limites.

Cita-se o texto abaixo que trata da criança excepcional, mas suas observações também podem ser aplicadas a família da criança com TDAH, não com a mesma dedicação por vinte e quatro horas seguidas mas também necessitam de atenção e cuidados especiais.

O mesmo vale para uma criança excepcional, que depende das pessoas que cuidam dela, às vezes vinte e quatro horas por dia. Se essa criança entra em uma escola e aprende, pouco a pouco, a ser responsável por si própria; se, por uma educação inclusiva, que todos nós desejamos; ou se, por uma educação qualquer que seja, que todos desejamos bem-sucedida, essa criança adquirir recursos próprios para cuidar de si, por exemplo, se ela passar a ter responsabilidades por si mesma, se ela dispensar aquele cuidado sofrido, choroso, difícil, da sua mãe porque agora ela pode ser ela mesma, essa mãe cederá seu lugar com alegria? Ou usará argumentos para manter uma situação que agora já não tem mais sentido?

O difícil, quando nos relacionamos com uma pessoa deficiente, é a deficiência em nós, não nela. É claro que ela é deficiente e a deficiência dela está assumida na pele e no seu rosto, na sua cabeça. É claro que o deficiente é ele, mas é esse tipo de deficiência, na relação, que quero sublinhar aqui. Porque, para mim, o pior numa deficiência é isto: é o gozo de uma superioridade sobre alguém, por alguma razão que muitas vezes poderá valer para todos nós. Todos somos deficientes em alguma coisa, só que não sabemos: é a nossa arrogância que não nos permite dizer. Não estou querendo afirmar que todas as pessoas são iguais. As diferenças são legítimas, as diferenças são reais e há perdas que são reais e as pessoas precisam aprender a compensá-las. Esse é o outro aspecto bonito da relação.⁹

A mãe deste aluno excepcional se sente útil e importante para seu filho enquanto ele é dependente dela, de sua atenção, cuidados, etc, mas se sente excluída quando este filho aprende a ser responsável, a cuidar de si mesmo, ser independente dela.

O filho com diagnóstico de TDAH também necessita de maior atenção dos pais e da família, geralmente é a mãe a figura mais presente no cotidiano familiar, é aquela que cuida das necessidades do filho, que lhe auxilia nos deveres da escola, que acompanha seu desenvolvimento escolar e está mais consciente dos

⁹ MACEDO, Lino de. Fundamentos para uma educação inclusiva. In *Psicologia da Educação*: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia da Educação/Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. n. 1. São Paulo: EDUC, dez., 1995. p. 40-41.

problemas enfrentados pelo filho com TDAH, ela deve favorecer a independência de seu filho, sua auto-suficiência, que ele adquira responsabilidades e contribuir para o desenvolvimento desta autonomia, a mãe não será menos importante por isso, e ficará mais tranqüila, pois seu filho estará preparado para viver na sociedade com responsabilidade.

4 A ATITUDE DO PROFESSOR COM O ALUNO COM TDAH

Muitas vezes os professores conhecem melhor seus alunos do que os pais destes, pois os vêem se relacionando com outras pessoas, precisam prestar atenção em suas atitudes e desenvolvimento, portanto são os professores que muitas vezes percebem quando o aluno está tendo dificuldade no aprendizado e que possivelmente esta dificuldade decorre do TDAH, caso isto ocorra os pais devem ser informados e outros professores consultados, para finalmente encaminhar o aluno para um profissional especializado que possa diagnosticá-lo corretamente. Os professores devem ter o cuidado de não diagnosticar, mas apenas descrever o comportamento e o rendimento do aluno, propondo um possível curso de ação.

Os professores se queixam da dificuldade na sua condição de trabalho com alunos portadores de necessidades educacionais especiais, pela falta de recursos da escola, sejam financeiros, materiais ou físicos, pela formação deficiente que os professores tiveram e a falta de estímulo para mobilizar os esforços necessários para suprir a carência na educação dos alunos com diagnóstico de TDAH e enfrentarem os desafios propostos no cotidiano das aulas.

A transformação no sistema da educação atual já foi iniciada através de leis sobre a matéria e tratados internacionais que já prevêm a educação para todos, preferencialmente na escola comum e a destinação de recursos financeiros e pessoais para a consecução deste fim.

Mas ainda não se verifica a efetividade destas legislações, pela falta de iniciativa do poder público, pela falta de complementação na formação dos professores do ensino público, pela falta de valorização do trabalho destes profissionais e falta de modelos no ensino atual que tenham obtido sucesso notório nesta empreitada.

Portanto, cabe ao professor, individualmente enquanto educador na sua sala de aula e coletivamente enquanto membro da equipe pedagógica da escola, prover as necessidades educacionais especiais dos alunos com diagnóstico de TDAH, sendo criativo, buscando novas metodologias de ensino e avaliação para testá-las com seus alunos e suprir as falhas na educação atual.

Não existe uma solução pronta e perfeita para a inclusão dos alunos com TDAH na escola regular, o professor e a equipe pedagógica deverão analisar cada caso para saber qual estratégia utilizar, pois o saber não é estático, “ele se altera e se transforma em cada cultura, sociedade, grupo, instituição, etc”¹⁰

O professor deve propor tarefas diferentes para os alunos com TDAH, curtas, interessantes, variadas, se possível com movimento corporal.

Os pais nem sempre acompanham o desenvolvimento escolar dos filhos como necessitam, principalmente o filho com TDAH cujos cuidados e atenção deverão ser mais intensos, caso os pais sejam ausentes, essa criança poderá ter dificuldades no cotidiano escolar e em seu aprendizado, pois necessita do apoio, participação, interesse e presença dos pais na escola.

O envolvimento da família na educação e tratamento do aluno diagnosticado com TDAH é fundamental enquanto influencia o seu aprendizado e auto-controle emocional e motor.

4.1 PRECONCEITO DENTRO DA ESCOLA

Reconhece-se que a sociedade em geral é preconceituosa, culturalmente está presente na história da humanidade, mas existem exceções, a visão preconceituosa da exclusão de alunos com NEE das escolas comuns colocando-os em escolas especiais esta sendo revista.

O preconceito existe, isto é um fato, mas o conhecimento sobre as necessidades educacionais especiais, sobre as deficiências, diferenças e a convivência de todos, alunos com NEE e alunos comuns, em uma comunidade (escola regular) pode transformar o medo do desconhecido, na amizade, companheirismo, harmonia e respeito, rompendo com o ciclo das desigualdades e discriminação na escola e futuramente na sociedade.

“Para o ser humano, perceber no outro uma diferença já é um marco relacional: o outro é diferente e eu sou distinto desse outro. E se a diferença implicar

¹⁰ MRECH, Leny Magalhães. O que é educação inclusiva? *In Revista Integração*. Brasília. Ministério da Educação e Desporto/Secretaria de Educação Especial, ano 8 nº 20, 1998, p. 33.

em dificuldades, restrições, limites, aí ainda teremos algo marcante, o *outro é diferente porque é deficiente e eu sou não-deficiente.*"¹¹

Em muitos casos de comportamento hiperativo, observa-se que a criança não presta atenção às aulas, não acompanha a explicação do professor, vive desatenta na escola, simplesmente pelo fato de que ela não quer fazê-lo (não se sente motivada a tal). É muito difícil para pais e professores admitirem que a criança que não fica sentada, quieta e prestando atenção nas lições não tenha nenhum defeito que a leve a agir dessa forma.

Esta criança passa a ser tratada com brincadeiras e preconceito por seus colegas da sala de aula, tida como agitada, desobediente, inadequada para o grupo, o que dificulta ainda mais sua inclusão escolar.

Cabe ao professor explicar aos alunos o porquê deste comportamento mais agitado e inquieto, estimular a integração com outros alunos, criar novas formas de ensino (mesmo que simples e sem recursos) para despertar o interesse do aluno diagnosticado com hiperatividade e principalmente tratar este aluno com respeito, paciência e não diferenciá-lo dos outros para que os colegas de classe espelhem na atitude do professor as suas atitudes com o colega.

Ainda, baseia-se no entendimento de que pensar e praticar a Inclusão Escolar é uma tarefa de todos os envolvidos direta ou indiretamente com a educação e deve ocorrer no cotidiano das práticas educativas e familiares.

Como obter o melhor resultado com o tratamento e inclusão escolar do aluno com TDAH relacionando as atividades dos professores e da família.

Quais são os problemas psico-educacionais que se manifestam com maior frequência na escola.

Analisar o papel do professor como mediador entre a escola e a família que lhe exige postura compreensiva, diálogo, flexibilidade e delicada firmeza.

A escola deve acolher o aluno hiperativo, o ambiente escolar deve ser um local onde o aluno deseja ir, para brincar com os colegas, aprender, gostar do professor, fazer amigos, aprender esportes na educação física, ficar satisfeito com o resultado da prova, ter experiências novas, conhecer mais o mundo, etc., para tanto são necessárias algumas adaptações e mudanças, como forma de avaliação,

¹¹ KORTMANN, Gilca Maria Lucena. A inclusão da criança especial começa na família. In SOTAUS, Claus Dieter & MOSQUERA, Juan José Mouriño. (organizadores) Educação Especial: em direção à educação inclusiva. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, p. 222.

acompanhamento diário, tarefas mais criativas e envolventes, diminuir o volume ou personalizar a lição para resolver em casa respeitando o limite individual do aluno, estimular a curiosidade e concentração.

Para que haja a inclusão as diferenças devem ser respeitadas começando pelos educadores e profissionais da escola até chegar aos demais alunos bem informados, conscientes, apoiados por seus pais que serão também conscientizados sobre a importância da inclusão, tornando o ambiente escolar sem preconceito.

O preconceito, como demonstram diversas pesquisas, volta-se em geral contra aqueles que são considerados frágeis: os deficientes, os negros, os homossexuais, os judeus, os ciganos, os doentes, as mulheres, os alunos especiais... Mas por que motivo alguém mais forte teria ódio do mais frágil senão para reafirmar a própria força e eliminar a sensação de fraqueza que tem e projeta sobre o outro?

Ao diferenciarmos os alunos mais competentes dos menos competentes, não deixamos e criar naqueles que se saem melhor nos critérios de diferenciação um certo sabor de vitória, que os ameaça a todo o momento, e quanto mais essa vitória é ameaçada, mais necessitam dela.¹²

O preconceito também pode estar presente no relacionamento entre professor e aluno que pode ser o efeito de uma abordagem inadequada do professor, da falta de disponibilidade ou da inflexibilidade de alguns mestres em perceber os caminhos mais livres para se chegar ao aluno. Muitos professores são os grandes contribuidores quanto a rótulos e preconceitos, deixando a criança sem nenhuma possibilidade ou saída para reverter a situação. Cabe a eles, muitas vezes, o fracasso escolar, a desistência, a baixa estima e a perpetuação das dificuldades de aprendizagem, que com bom senso e conhecimento adequado da profissão, poderiam ser conduzidas de outra forma.

¹² CROCHIK, José Leon. Aspectos que permitem a segregação na escola pública. In MACHADO, Adriana Marcontes [et. al]. Educação Especial em Debate. São Paulo: Casa do Psicólogo. 1997, p. 20-21.

5 RELAÇÃO ENTRE A FAMÍLIA E O PROFESSOR

A discriminação às pessoas diferentes, sejam deficientes ou apenas diferentes, existe na sociedade atual, muitos alunos já chegam à escola com esta concepção discriminatória que receberam em casa, mas cabe ao professor como educador dar o exemplo e fomentar o mesmo comportamento em seus alunos.

Os pais da criança com diagnóstico de hiperatividade, principalmente a mãe convivem com esta criança desde o seu nascimento, conhecem profundamente a personalidade, as “birras”, como manter a disciplina a obediência desta criança. Este conhecimento deve ser repassado para o professor para facilitar o relacionamento entre este e o aluno com diagnóstico de TDAH, contribuindo para a evolução do aprendizado, pois esta criança deve ser tratada com as particularidades que forem necessárias, pois nem todos os sintomas e formas de se tratar uma criança com diagnóstico de hiperatividade são iguais.

Ao professor, que possui experiência com o TDAH, cabe orientar a família desta criança repassando seus conhecimentos e sua prática, contribuindo com o melhor desenvolvimento no ambiente familiar.

Observamos por muito tempo famílias que procuravam orientações somente quando a criança atingia a idade escolar. Na maioria das vezes, eram crianças que passavam seis, sete anos de sua vida sem serem entendidas pelo seu grupo familiar. As famílias chegam à escola desencorajadas e já cansadas de apostarem no desenvolvimento de seus filhos, como se esses fossem responsáveis pelo fracasso de sua própria vida.¹³

Os pais nem sempre conseguem um diagnóstico precoce da TDAH que já possibilitaria um acompanhamento profissional adequado e orientação para estes pais nos meios que devem utilizar para disciplinar e integrar seu filho na família e sociedade. Quando esta criança atinge a idade escolar e passa a freqüentar a sala de aula o professor perceberá o seu comportamento diferente e peculiar, cabendo ao professor informar aos pais que seu filho possui um comportamento diferenciado, mas o diagnóstico deve ser obtido com o profissional especializado para proceder ao

¹³ KORTMANN, *op. cit.*, p. 223-224.

tratamento médio e psicológico, se for necessário, e também o tratamento adequado em sala de aula.

O professor envolvido no processo de melhora na educação do aluno diagnosticado com TDAH, que possui contato constante com os pais deste aluno conhece as dificuldades que podem ocorrer na própria família e passam a entender melhor a atitude destes pais e podem conscientiza-los, passar conhecimento referente a hiperatividade e os pais que também participam do processo escolar de seu filho podem entender as dificuldades dos professores com seus filhos assim como o sucesso de determinadas metodologias empregadas e adaptar alguns aspectos para o ambiente familiar, daí a importância em um conhecer a situação do outro para que ambos, pais e professores, compreendam que devem ser parceiros de uma mesma empreitada, e não rivais de uma disputa.

Não cabe aqui estabelecer de quem é a culpa do comportamento do aluno, pois o objetivo de todos é garantir um futuro de qualidade para essas crianças e jovens, e isso só é possível se houver estreita colaboração entre a família e a escola.

O que se observa é que a cooperação entre pais e professores só trará benefícios para o aluno diagnosticado com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade.

Deve-se sempre priorizar a comunicação freqüente entre os professores e a família com a finalidade de manter um bom relacionamento do aluno diagnosticado com TDAH dentro do ambiente escolar e familiar, também para que tanto professores como pais possam trocar experiências relevantes que poderão ser utilizados no dia a dia desta criança.

“(...) são imprescindíveis elementos voltados para o preparo em relação ao envolvimento familiar na educação especial. Uma estreita e eficaz colaboração com os pais constitui também aspecto fundamental do trabalho docente. Daí a necessidade de sua inclusão nos cursos de formação.”¹⁴

A falta de comunicação entre a família e a escola e outros profissionais envolvidos com a criança, pode causar a marginalização do aluno com necessidades educacionais especiais, pois pode atrasar o processo de aprendizado, para tanto “é

¹⁴ MAZZOTTA, Marcos José da Silveira. Trabalho Docente e Formação de professores de educação especial. São Paulo: EPU. 1993, p. 55.

necessário trocar e investigar pontos de vista, a fim de se proporcionar uma melhor compreensão das necessidades especiais de uma criança especial".¹⁵

Uma sugestão para que a família e os professores possam acompanhar a evolução do aluno é a anotação dos acontecimentos tanto em sala de aula quanto no ambiente familiar em uma caderneta ou diário, podendo também ser acrescentada com relatórios médicos, de psicólogos e outros especialistas quando necessário, juntamente com os efeitos das várias intervenções pedagógicas.

Saber o que está se passando durante o tempo que a criança está no outro ambiente (escolar ou familiar) ajuda a compor o quadro real da situação, e esse confiar no outro (família no professor e vice e versa) é que realmente estabelece a parceria. Nesse sentido, é muito útil um instrumento de comunicação escrita que seja utilizado diariamente, como uma caderneta que seja um diário de aula e de casa. Mas esse é um instrumento a ser usado com bom senso, no sentido da cooperação, não da cobrança e da rivalidade.

Pesquisar a participação dos pais, através de sugestões, acompanhamento, participação das reuniões e contato constante com os professores.

A primeira ajuda, e a mais importante, é a dos pais, através de um envolvimento real, vontade, disposição, paciência, responsabilidade e dedicação. Todos os demais envolvidos serão parceiros neste desafio.

Esta relação família-escola também pode se estender à sociedade como um todo, através da participação de outros profissionais da área da educação e de outras áreas que não existam profissionais dentro da escola (por exemplo: psicólogos, terapeutas, fisioterapeutas, médicos, etc), ainda pode haver a participação dos pais de todos os alunos (que pode ocorrer através de uma associação de pais e mestres por exemplo), de moradores do bairro onde está localizada a escola, da igreja da região (o padre, a igreja católica, pode ajudar a conscientizar os fiéis sobre os benefícios da educação, da inclusão, do respeito mútuo, da não discriminação pela diferença, etc).

Verifica-se que são muitas as pessoas, os grupos e entidades que podem auxiliar o processo educacional não apenas na questão do atendimento ao aluno portador de necessidades educacionais especiais, mas da escola em geral,

¹⁵ FONSECA, *op. cit.*, p. 196.

arrecadando recursos financeiros para obras necessárias que não estão sendo realizadas pelo poder público, a elaboração de novas metodologias para o ensino aos portadores de NEE, etc. Este trabalho conjunto poderá proporcionar não apenas a inclusão escolar como também a inclusão na sociedade.

A integração não deve ocorrer apenas entre os alunos e alunos e professores, mas também entre os funcionários que trabalham com as crianças e entre os pais dos alunos e estes funcionários.

É sempre bom lembrar que cabe ao papel do educador ser o mediador da situação, nunca ser o ditador (achando que sabe o que é melhor para o educando) ou ser um juiz (julgando os comportamentos de forma moral, quer seja dos pais ou do educando).

O papel do educador enquanto mediador entre a escola e os pais e familiares do aluno diagnosticado com o transtorno de déficit de atenção e hiperatividade exige uma postura compreensiva, diálogo, flexibilidade e delicada firmeza.

5.1 RELAÇÃO ENTRE PROBLEMAS SÓCIO-AFETIVOS E SÓCIO-EDUCACIONAIS

Os problemas psico-educacionais podem ocorrer tanto em casa quanto na escola e geralmente estão relacionados com déficits interacionais por parte dos pais ou dos professores.

O modo de agir de uma criança não é apenas resultado da educação dos pais, mas sim de uma complexa reação entre: ambiente (físico, psíquico e escolar) com a educação (pais, escola, professores) e com o temperamento da criança (sua estrutura do ser) resultando no comportamento (conduta) e, como consequência, o nível de aprendizado da criança.

Os exemplos mais comuns dos problemas psico-educacionais enfrentados por alunos com diagnóstico de TDAH são: arbitrariedade e inadequação do sistema educacional atual, sendo que estas dificuldades também são encontradas no ambiente familiar; falta de comunicação entre pais e professores e

destes com a criança; falta de estímulo para a aprendizagem que gera desmotivação e entediamento da criança; conseqüentemente a não inclusão deste aluno no ambiente escolar e social.

A falta de imposição de limites pelos pais aos filhos pode agravar o comportamento hiperativo, na escola o professor não conseguirá sozinho impor estes limites e ficará desmotivado a trabalhar com esta criança.

A interação do hiperativo com o meio pode resultar em dois tipos de condutas distintas: ou ele se submete, retrai-se e torna-se introvertido e depressivo, ou ele confronta e desenvolve um comportamento opositivo e ansioso.

Nas crianças hiperativas há um predomínio da tendência ao isolamento, baixo nível de envolvimento social, dificuldade na tomada de decisões e maior dependência.

Há que se diferenciar bem: a criança até os 06 anos é normalmente "hiperativa", na acepção literal do termo, e se essas crianças forem educadas sem noção de limites passam a apresentar um comportamento visto como "patológico".

Existe uma relação entre estes problemas afetivos e os problemas escolares enfrentados pelas crianças com TDAH do ponto de vista pedagógico e comportamental.

Os problemas psico-afetivos muitas vezes surgem da falta de convivência entre pais e filhos, com a mudança que está ocorrendo na sociedade atual, mães e pais trabalhando fora de casa, quando estão presentes, estão muito ocupados com os trabalhos domésticos, falta de acompanhamento na vida escolar dos filhos.

Tudo isto colabora para o aumento dos conflitos conjugais, da insegurança quanto à educação dos filhos, geradora de sentimento de culpa. Se este sentimento é exacerbado, sobrevém a permissividade e o excesso de indulgências, que acaba por conceder aos filhos um poder que eles não estão maduros para assumir.

Estes problemas familiares podem gerar inquietude e ansiedade na criança, ela pode se sentir rejeitada e pode interferir na sua saúde física e mental, causando até o comportamento hiperativo.

Cabe tanto ao professor quanto aos pais pesquisar dentre as diversas condições psico-afetivas existentes, as que causam ansiedade e qual a sua contribuição para a instalação de um comportamento hiperativo, para que estes comportamentos possam ser controlados já na sua origem.

Os efeitos dos problemas sócio-afetivos dos alunos com TDAH na família e na escola.

Quando a criança extrapola as características da hiperatividade pode na verdade estar querendo atenção, por insegurança e por se sentir diferente dos colegas, cabe tanto aos pais quanto aos professores tentar identificar esse comportamento fora do normal para buscar a compreensão desta criança e deixá-la mais segura e tranqüila.

6 TDAH NA VISÃO DAS FAMÍLIAS – ENTREVISTAS

Foi realizada uma entrevista pré-estruturada com quatro famílias com filho diagnosticado com TDAH e através destas entrevistas buscou-se também na experiência de algumas famílias algumas informações que pudessem enriquecer o trabalho.

A metodologia utilizada para a pesquisa é o estudo de caso etnográfico¹⁶ com uma abordagem qualitativa, para a compreensão do fenômeno das representações sociais no contexto da sala de aula do ensino regular com aluno incluído. Pois será estudada apenas uma unidade de ensino, considerando seu contexto e inter-relações como um todo. Sendo examinados os resultados das entrevistas aos pais de alunos com TDAH e o material didático estudado.

Foram entrevistadas quatro famílias que possuem filhos com TDAH no sentido de responder, conforme a experiência de casa família: 1) como os pais podem ajudar o filho/a filha no processo de inclusão na escola? 2) no cotidiano? 3) os pais se sentem preparados para esta nova situação? 4) se tivessem mais conhecimentos sobre TDAH se sentiriam mais seguros e lidariam melhor com esta situação?

Portanto os sujeitos destas pesquisas são os pais de alunos com TDAH, cujas identidades serão mantidas em sigilo, para a citação de algum comentário será colocado apenas as iniciais do nome do entrevistado.

Os filhos com TDAH estudam na Escola Estadual Maria Montessori e Escola Estadual Miguel Scheleder.

O registro das entrevistas foi realizado pela própria autora na forma de um questionário semi-estruturado onde a autora da monografia fazia as perguntas pré-estabelecidas e anotava resumidamente as respostas. As anotações encontram-se anexadas ao presente trabalho.

¹⁶ Ciência que tem por objeto a descrição dos povos, no que concerne às manifestações materiais da sua atividade, tais como a língua, religião, costumes, etc.

6.1 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

A primeira pergunta versou sobre o momento em que o filho foi diagnosticado com TDAH.

As respostas obtidas foram: Família 1: no 2º ano de idade; Família 2: na 3ª série; Família 3: na 4ª série e Família 4: na 2ª série.

Estes dados demonstram que realmente é durante a idade escolar e com o auxílio da observação dos professores que a família irá buscar o diagnóstico de TDAH e o tratamento específico para seu filho.

No caso das famílias entrevistadas que em mais da metade delas a hiperatividade foi diagnosticada apenas durante a idade escolar e apenas uma foi diagnosticada logo nos primeiros anos de vida, este diagnóstico precoce pode auxiliar a criança para que já possa controlar e entender mais os seus sintomas quando ingressar na escola.

Posteriormente os pais foram questionados sobre qual o profissional que diagnosticou o filho como hiperativo.

A Família 1 respondeu que foi a psicopedagoga e o neurologista; a Família 2 o neurologista e a Família 3 e 4 foi o neuropediatra.

As respostas acima demonstram que os pais têm tido o cuidado de procurar especialistas para obter um diagnóstico de hiperatividade, as vezes até mais do que um, como no caso da família 1 onde o diagnóstico foi obtido com dois profissionais: a psicopedagoga e o neurologista, sendo este o procedimento mais recomendado pelos estudiosos da área da educação e médica.

Quando questionados sobre se possuem conhecimentos suficientes sobre a hiperatividade todas as famílias responderam que não.

“Não sei muito bem diferenciar a hiperatividade do comportamento sem limites.” (Família 3)

Esta resposta traz em seu conteúdo a insegurança destes pais, que não dominam o tema hiperatividade e o confundem com a falta de limites, podendo refletir também na forma de tratamento desta criança em sua casa, por exemplo se os pais possuem a consciência de que seu filho é hiperativo devem trata-lo com respeito e carinho, mas enfatizar com segurança explicações sobre regras,

comportamento, etc, e auxiliar esta criança para assimilar, mesmo que lentamente, estes conceitos. Mas se estes pais vêem o filho apenas com um comportamento sem limites, a tendência é que sejam mais rígidos com a criança, exigindo que esta obedeça ao limites que lhe são impostos, sem compreenderem a dificuldade que seu filho tem para assimilar os limites e regras comuns de comportamento.

Ainda os pais mencionaram como identificaram que seus filhos poderiam ser hiperativos.

“Por apresentar um comportamento muito ativo, ser desorganizado e ter falta de atenção.” (Família 1)

“Dificuldade de manter a atenção e irresponsabilidade.” (Família 2)

“Por ser muito agitada e não se concentrar.” (Família 4)

Estes depoimentos demonstram que os comportamentos mais comuns nestas crianças com diagnóstico de hiperatividade são: a agitação constante e o déficit de atenção.

Os pais também foram questionados sobre a sua comunicabilidade com os professores da escola em que seu filho estuda (se costumam conversar com estes professores sobre o TDAH)

As respostas obtidas foram as seguintes: as Famílias 1, 3 e 4 responderam que sim e a Família 2, que apenas algumas vezes.

Verifica-se nos casos estudados que na maioria destas famílias existe um canal de comunicação entre os pais e os professores, para que possam conversar sobre as dificuldades das crianças e como o ensino está sendo realizado.

Sobre as condições de ensino específicas para alunos com TDAH as famílias foram questionadas sobre se a escola que seu filho frequenta possui algum programa educacional específico para o aluno hiperativo.

Todas as famílias responderam que não, ficando evidente que as escolas não estão discutindo a hiperatividade e elaborando programas de ensino específicos ou que possam suprir as necessidades básicas com alunos com TDAH.

É importante também conhecer as iniciativas dos pais para auxiliar seu filho na escola por isso perguntou-se como os pais podem ajudar seu filho na escola e as respostas foram:

“Ajudando nas atividades e elogiando sempre que as cumpre de forma positiva.” (Família 1)

“Orientando para que se comporte bem na sala de aula e preste atenção.” (Família 2)

“Auxiliando-o a ter um cronograma de atividades diárias.” (Família 3)

“Orientando nas tarefas.” (Família 4)

Os pais ainda não conhecem exatamente seu papel para o melhor desempenho escolar de seu filho com TDAH, mas já tem algumas atitudes que demonstram seu interesse no desenvolvimento do filho na escola e em auxiliá-lo nesse processo.

Quanto ao filho estar incluído na escola as Família 1 e 4 responderam que parcialmente, a Família 2 que não e a Família 3 que sim.

Demonstra-se no caso em tela que para estas famílias a inclusão não é uma unanimidade nem está sendo aplicada de forma eficaz, nas escolas onde estudam os seus filhos.

Pode-se aqui fazer uma ligação com a falta de um projeto específico na escola para o atendimento do aluno com TDAH, apontado pelos pais anteriormente, possivelmente esta falta de planejamento e preparação específica por parte da escola onde as crianças estudam influencie na exclusão apontada neste último questionamento realizado aos sujeitos da pesquisa.

Os pais, questionados também se os professores se interessam em conversar com os pais sobre o TDAH e o desempenho escolar dos seus filhos, responderam que: as Famílias 1 e 3 que alguns professores sim, a Família 2 que *“Sim, pois somos chamados com frequência”* e a Família 4 que sim.

Ainda sobre se sentem seu filho discriminado na escola ou na família as famílias 1 e 2 responderam que sim e as famílias 3 e 4 responderam que não.

Estas respostas podem estar relacionadas as escolas em que seus filhos estudam pois as famílias 1 e 2 tem seus filhos estudando na Escola Estadual Maria Montessori enquanto os filhos das famílias 3 e 4 estudam na Escola Estadual Miguel Scheleder, demonstrando que na primeira escola pode estar presente uma discriminação por parte dos professores, mesmo que inconscientemente.

Finalmente foram questionados sobre se acreditam que a escola em que seu filho estuda está preparada para receber alunos com diagnóstico de hiperatividade e todos responderam que não, o que evidencia a falta de um programa pedagógico específico para alunos diagnosticados com TDAH, falta de professores preparados, materiais didáticos mais dinâmicos, aulas mais criativas e

que prendam a atenção do aluno entre outros inúmeros fatores que poderiam preparar tanto a escola quanto os professores para as necessidades educacionais especiais dos alunos com TDAH.

A pesquisa realizada com os pais de alunos diagnosticados com TDAH foi importante no sentido de evidenciar que existe sim a discriminação na escola, existindo algumas exceções, que os pais não sabem exatamente qual é o seu papel, como auxiliador na educação e no auto-controle do comportamento e concentração de seu filho.

Os pais relataram que não conhecem o suficiente sobre o TDAH, e que também não sabem onde adquirir este conhecimento, mas possuem uma relação boa com os professores de seus filhos que mantêm contato regular, mas ainda não sentem que a escola está preparada para receber alunos hiperativos de forma eficaz, que em alguns casos entendem que seu filho está incluído na escola e em outros não e que a escola comum não possui nenhum programa específico para a educação de crianças com TDAH dificultando sua inclusão e aprendizado.

Também verificou-se que o diagnóstico do TDAH é mais freqüente na idade escolar quanto o professor pode identificar que o aluno possui um comportamento diferenciado e característico de TDAH podendo avisar aos pais que encaminharão para uma análise mais aprofundada com o profissional especializado sobre a hiperatividade.

Não é uma tarefa fácil a de generalizar e especular sobre qual é o método de criação ideal para uma criança diagnosticada com TDAH, dependendo da família e o modo como educam e também da escola e das possibilidades de crescimento que lhe são oferecidas, também a cooperação entre estes dois entes: família e escola, é fundamental para a integração desta criança.

A melhor contribuição familiar para o portador de TDAH é a aceitação, aceitar a sua agitação, sua impaciência, conhecer suas dificuldades, estimular seu desenvolvimento, ter carinho, atenção, paciência, saber imputar responsabilidades, designar tarefas, enfim amá-lo como é e ensina-lo a assumir responsabilidades e enfrentar as dificuldades.

É essencial que as crianças recebam apoio dos pais, pois quando sabem que têm pais que dão suporte emocional, a criança desenvolve uma base sólida e um senso de competência que a leva a um auto-estima satisfatória.

A proposta deste trabalho foi refletir sobre os diversos aspectos envolvidos na educação e na convivência familiar de portadores de TDAH e ressaltar que, embora o TDAH possa ser uma condição ligada a múltiplos fatores internos do sujeito, ela está sobremaneira sustentada pelo meio familiar – escolar – social – no qual o sujeito está inserido e, ainda, que a forma como esses diferentes sistemas, em especial a família lidam com essa condição, terá um papel decisivo na condução e na evolução da criança.

7 CONCLUSÃO

Para que a inclusão exista tanto na escola quanto na família estes grupos tem que estar unidos e colaborarem para a participatividade da criança com TDAH existir nestes dois ambientes e que ela se sinta acolhida pela família e pela a escola em busca do seu pleno desenvolvimento.

O papel da família é ser o suporte e o guia, principalmente antes da idade escolar, onde cabe aos pais os primeiros passos no sentido de diagnosticar a hiperatividade, seu tratamento, ou a busca pela melhoria das condições educacionais de seu filho.

Tanto o excesso de indulgência como a extrema rigidez são prejudiciais a criança hiperativa, o ideal é o meio termo entre estes comportamento, sabendo ser condescendente e rígido também dependendo da situação e das medidas que devem ser tomadas para que a criança não fique mimada ou retraída demais.

A integração dos pais no processo de desenvolvimento escolar é fundamental, pois os pais podem instruir os profissionais que estão trabalhando com seu filho com sua experiência em casa, como manter a atenção, a disciplina, o interesse da criança na sala de aula, assim como o fazem em casa.

Para que ocorra esta integração os pais devem ser participativos e acima de tudo esclarecidos sobre as necessidades especiais de seu filho e a importância da sua colaboração no ensino, para que o professor poupe o trabalho de testar alguns métodos de ensino e possa identificar desde logo qual a pedagogia que se encaixa melhor no perfil de aprendizagem daquele aluno.

Assim como o portador de TDAH pode sofrer por ter algumas diferenças e comportamentos incomuns para sua idade também pode ser objeto de preconceito dentro de casa, quando os pais não conhecem exatamente o transtorno, não se interessam por aprender mais, saber como deve ser o tratamento, estudar mais sobre os sintomas e como minimizar os efeitos da hiperatividade.

Pais mal informados sobre o TDAH não conseguiram compreender a dimensão e os problemas enfrentados por seus filhos no ambiente escolar e dentro da própria família, aquela criança extrovertida, falante, agitada e brincalhona pode estar escondendo sua frustração, medo, insegurança e carência. Os pais devem

estar atentos ao filho diagnosticado com TDAH para que ele não sobre com preconceitos, exclusão e falta de atenção.

Outro aspecto importante é aquela família que se sente útil enquanto necessária para a criança que necessita de cuidados especiais, mas não permite que ela aprenda a ser autônoma, responsável e capaz de viver sem tantos cuidados e atenção, e esse comportamento obsessivo com muitos cuidados e dependência é prejudicial para o portador de TDAH, pois não permitirá que ele evolua para um comportamento mais controlado e adquirir um auto-controle.

Na sociedade atual ambos os pais trabalham fora, ficam a maior parte do dia nos seus empregos restando pouco tempo de dedicação e convivência com os filhos, que geralmente passam mais tempo em contato com a escola e seus professores do que com os próprios pais, por isso muitas vezes o professor conhece melhor as dificuldades e potencialidades do aluno com TDAH, sendo muito saudável para esta criança que exista uma interação constante entre pais e professores para que juntos possam buscar soluções para as dificuldades e ressaltar e desenvolver as potencialidades do aluno com TDAH.

O papel do professor com o aluno diagnosticado com TDAH é essencial enquanto educador e disciplinador e ainda como agente da inclusão escolar, pois sem sua colaboração este aluno poderá ser excluído.

Muitas vezes os pais vêem no professor a única pessoa que pode auxiliá-los no conhecimento da situação do seu filho diagnosticado com hiperatividade, cabe a este professor se sentir respaldado, informado e sensível, evitando posturas radicais, imposições, descasos, resistências. O modelo de comportamento do professor frente o aluno com TDAH influenciará decisivamente no comportamento dos pais frente a este filho e do aluno no ambiente escolar e familiar.

Os professores não devem se sentir isolados com o problema, devem compartilhar entre si experiências, soluções e problemas, para o benefício de seus alunos e maior tranquilidade e segurança na aplicação de metodologias específicas para alunos com NEE.

A professora e o professor são uma extensão da figura materna e paterna que as crianças possuem, portanto os ensinamentos que eles passam e suas atitudes nas ocasiões normais e frente as dificuldades, são tidos, pelos alunos, como verdades absolutas que moldarão seu caráter e personalidade, juntamente com as experiências obtidas no meio familiar, se o professor tratar um aluno com

NEE com respeito, paciência, educação, cuidado, etc. seus alunos o imitarão, não apenas naquele momento, mas possivelmente por toda a vida.

O professor é o mediador entre a escola e a família e muitas vezes entre a criança e a família pois poderá informar aos pais comportamentos e formas de controle dos excessos que os pais não conhecem ou não querem enxergar em seu filho.

Além de mediador o professor pode ser o incentivador da cooperação entre pais e professores pois esta relação só trará benefícios para o aluno com TDAH, mas ambas as partes devem estar receptivas para esta convivência e troca de conhecimentos, bem como disponibilizar tempo para estas reuniões, portanto é necessário boa vontade, tempo, observação constante do aluno com TDAH seja em casa e na escola, e principalmente que o objetivo desta parceria não seja apontar os erros de uma ou de ambas as partes mas a busca de alternativas, soluções e a união de esforços para a inclusão, desenvolvimento e capacitação da criança com TDAH.

Esta relação entre a família e a escola também pode se estender para toda a sociedade que também pode e deve participar da inclusão escolar e do ensino ao aluno diagnosticado com TDAH, pois toda contribuição é válida, todas as idéias são enriquecedoras do processo educacional e juntos poderão formar um projeto inclusivo mais eficiente e que acolha todos os alunos com necessidade educacional especial, independentemente de sua deficiência ou dificuldade de aprendizagem, pois a escola estará preparada para recebê-lo, escutá-lo e desenvolver um ensino individualizado visando suprir suas necessidades e potencializar suas capacidades.

REFERÊNCIAS

ACKERMAN, Nathan W. Diagnóstico e Tratamento da Relação Familiar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

ALMEIDA, Milton José de. Apresentação. Caderno CEDES, nº 28, O sucesso escolar: um desafio pedagógico. 1 ed. Campinas/SP: Papyrus, 1992.

ANDRÉ. M. E. D. A. Etnografia na prática escolar. 7. ed. Campinas: Papyrus, 2002.

BERGER, Regina Aparecida Sarraff. Orientação a pais de crianças com necessidades especiais. Curitiba, 1998, v. 40, monografia, UFPR.

BRASIL, Secretaria de Educação Especial – Tendências e desafios da educação especial. Editora organizadora: Eunice M. L. Sorano de Alencar. Brasília: SEESP, 1994.

BUENO, José Geraldo Silveira. Educação Especial Brasileira. Integração/Segregação do aluno diferente. São Paulo: Editora PUC/SP.

CAMILO, Vitória. Classes Especiais em Curitiba: ensino especial no sistema regular de ensino. Curitiba, 1998, Monografia, UFPR.

CARMO, Apolônio A do. Inclusão escolar: Roupa nova em corpo velho. *In Revista Integração*. Brasília. Ministério da Educação e Desporto/Secretaria de Educação Especial, ano 13 nº 22, 2001.

CEDES, Educação Especial. São Paulo: Cortez, 1989, caderno nº 23.

_____, O Fracasso escolar um desafio pedagógico. São Paulo: Cortez, caderno nº 28.

CESAR COLL, JESUS PALÁCIOS e ALVARO MARCHESI. (orgs) Desenvolvimento Psicológico e Educação. Necessidades Educativas Especiais. tradução Marcos A. G. Domingues, v. 3, Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CROCHIK, José Leon. Aspectos que permitem a segregação na escola pública. *In* MACHADO, MARCONTE, Adriana [et. al]. Educação Especial em Debate. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

DSM-IV. Manual Diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FÁVARO, Diocélia Mesquita. Ação conjunta pais/escola, sob a formação de trabalhos com grupos de pais, visando a educação integral da criança. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná, 1986.

FONSECA, Vítor da. Educação Especial – Programa de estimulação precoce. Porto Alegre/RS: Artmed Editora S.A., 2002.

GLAT, Rosana. Inclusão total: mais uma utopia? *In* Revista Integração. Brasília. Ministério da Educação e Desporto/Secretaria de Educação Especial, ano 8 nº 20, 1998.

GOLDSTEIN, Sam. e GOLDSTEIN, Michel. Hiperatividade: como desenvolver a capacidade de atenção da criança. 3. ed. Campinas/SP: Papyrus, 1998.

GOTMAN, John. Inteligência emocional e a arte de educar nossos filhos. São Paulo: Objetiva, 1995

JONES, Maggie. Hiperatividade: como ajudar seu filho. Tradução de Denise Maria Bolonho. São Paulo: Plexus Editora, 2004.

KASSAR, Mônica de Carvalho Magalhães. Reforma do estado e educação especial: preliminares para uma análise. *In* Revista de Educação PUC-Campinas, Educação Especial. Campinas, n. 11, Novembro de 2001.

KORTMANN, Gilca Maria Lucena. A inclusão da criança especial começa na família. *In* SOTAUS, Claus Dieter & MOSQUERA, Juan José Mouriño. (organizadores) Educação Especial: em direção à educação inclusiva. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

MACEDO, Lino de. Competência relacional e situação-problema: elementos para uma reflexão pedagógica. Manuscrito não publicado. São Paulo: Instituto de Psicologia, USP, 1999.

_____ Fundamentos para uma educação inclusiva. *In Psicologia da Educação: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia da Educação/Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*. n. 1. São Paulo: EDUC, dez., 1995.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Ensino inclusivo / educação (de qualidade) para todos. *In Revista Integração*. Brasília. Ministério da Educação e Desporto/Secretaria de Educação Especial, ano 8 nº 20, 1998.

_____ Ser ou estar: eis a questão. Explicando o déficit intelectual. Rio de Janeiro, WVA Editores, 1997.

MANZINI, Eduardo José (org.). Educação Especial: temas atuais. Marília: Unesp-Marília-Publicações, 2000.

MARCHESI, Álvaro e MARTÍN, Elena. Da Terminologia do Distúrbio às Necessidades Educacionais Especiais. *in CESAR COLL, JESUS PALÁCIOS (org). Desenvolvimento Psicológico e Educação. Necessidades Educativas Especiais*. trad. de Marcos A. G. Domingues, v. 3, Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

MATTOS, Paulo. No mundo da lua: Perguntas e respostas sobre transtorno do déficit de atenção com hiperatividade em crianças, adolescentes e adultos. 4. ed. São Paulo: Lemos Editorial, 2004.

MATTUELLA, Glacy do Rocio dos Santos. A inserção da família nas atividades da escola. Curitiba, 1985, monografia, UFPR.

MAZZOTTA, Marcos José da Silveira. Trabalho Docente e Formação de professores de educação especial. São Paulo: EPU. 1993.

MINUCHIN, Salvador. Técnicas de Terapia Familiar. Porto Alegre: Artes Médicas. 1990.

MORAES, Mônica Martinez de. Uma possibilidade de escola para todos: a formação continuada de professores em educação especial. *In Revista de Educação PUC-Campinas, Educação Especial*. Campinas, n. 11, Novembro de 2001.

MRECH, Leny Magalhães. O que é educação inclusiva? *In Revista Integração*. Brasília. Ministério da Educação e Desporto/Secretaria de Educação Especial, ano 8 nº 20, 1998.

OLIVEIRA, Anna Augusta S. de. & LEITE, Lúcia P. Escola inclusiva e as necessidades educacionais especiais. *in* Educação Especial: temas atuais. Marília: Unesp-Marília-Publicações, 2000.

PEREIRA, Olívia. Educação especial: atuais desafios. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.

PIRES, José e Gláucia N. da Luz Pires. A integração escolar de crianças portadoras de necessidades especiais na classe regular: implicações legais e compromisso social. *In* Revista Integração. Brasília. Ministério da Educação e Desporto/Secretaria de Educação Especial, ano 8 nº 20, 1998.

RODRIGUES, Maria de Fátima A. e MIRANDA, Silvana de Moraes. A estimulação da criança especial em casa: entenda o que acontece no sistema nervoso da criança deficiente e como você pode atuar sobre ele. São Paulo: Editora Atheneu, 2001.

SANTOS, Mônica Pereira dos. Educação Inclusiva. *In* Revista Integração. Brasília. Ministério da Educação e Desporto/Secretaria de Educação Especial, ano 10 nº 22, 2000.

TITTON, Adriana [et. Al.]. Da educação especial à integração: um caminho a ser conquistado. *In* Anais do Evento de Extensão "A escola frente às necessidades educativas especiais". Curitiba: UFPR, trabalho orientado pela Professora Mirian Pan em Psicologia do Excepcional da UFPR, 1997.

Educação Especial no Brasil. História e Políticas Públicas. Editora Cortez.

Família: 1

1) Em que momento (idade) seu filho foi diagnosticado com TDAH? 2 anos de idade

2) Qual foi o profissional que diagnosticou seu filho? psicopedagoga e neurologista

3) Você e sua família conhecem suficientemente a Hiperatividade? não

4) Como os pais identificaram que seus filhos poderiam ser Hiperativos? por apresentar um comportamento muito ativo, ser desorganizado e falta de atenção

5) Como você descreve a comunicação entre a família e a escola que seu filho hiperativo estuda? Sim, conversei com os professores

6) A escola que seu filho estuda possui um programa educacional específico para atender alunos hiperativos? não. Ajudamos em casa elogiando sempre que cumpre de forma positiva.

7) Você considera que seu filho esta incluído na escola? parcialmente

8) Os professores de seu filho procuram a família para conversarem sobre TDAH e o desempenho escolar de seu filho?

alguns professores sim.

Família: 2

1) Em que momento (idade) seu filho foi diagnosticado com TDAH? 3ª série escolar

2) Qual foi o profissional que diagnosticou seu filho? neurologista

3) Você e sua família conhecem suficientemente a Hiperatividade? não

4) Como os pais identificaram que seus filhos poderiam ser Hiperativos? Dificuldade de manter a atenção e irresponsabilidade.

5) Como você descreve a comunicação entre a família e a escola que seu filho hiperativo estuda? algumas vezes.

6) A escola que seu filho estuda possui um programa educacional específico para atender alunos hiperativos? não, mas orientamos que se comporte bem e preste atenção.

7) Você considera que seu filho está incluído na escola? não

8) Os professores de seu filho procuram a família para conversarem sobre TDAH e o desempenho escolar de seu filho?

Família: 3

1) Em que momento (idade) seu filho foi diagnosticado com TDAH? 4ª série escolar

2) Qual foi o profissional que diagnosticou seu filho? neuropediatra

3) Você e sua família conhecem suficientemente a Hiperatividade? não sei diferenciar a hiperatividade do comportamento sem limites

4) Como os pais identificaram que seus filhos poderiam ser Hiperativos? agitação constante

5) Como você descreve a comunicação entre a família e a escola que seu filho hiperativo estuda? sim - há a comunicação

6) A escola que seu filho estuda possui um programa educacional específico para atender alunos hiperativos? não, em casa auxiliamos nas atividades

7) Você considera que seu filho esta incluído na escola? sim

8) Os professores de seu filho procuram a família para conversarem sobre TDAH e o desempenho escolar de seu filho?

Família: 4

1) Em que momento (idade) seu filho foi diagnosticado com TDAH? 2º série escolar

2) Qual foi o profissional que diagnosticou seu filho? neuropediatra

3) Você e sua família conhecem suficientemente a Hiperatividade? não

4) Como os pais identificaram que seus filhos poderiam ser Hiperativos? Por ser muito agitado e não se concentrar

5) Como você descreve a comunicação entre a família e a escola que seu filho hiperativo estuda? sim

6) A escola que seu filho estuda possui um programa educacional específico para atender alunos hiperativos? não, em casa orientamos nas tarefas

7) Você considera que seu filho esta incluído na escola? parcialmente

8) Os professores de seu filho procuram a família para conversarem sobre TDAH e o desempenho escolar de seu filho?